



BIBLIOTECAS  
DE LISBOA

**O CAMPEÃO. SEMANÁRIO DE LITERATURA, CRÍTICA E DE SPORT** – Publicou-se no **Porto** entre **5 de Novembro de 1899** e **25 de Setembro de 1901**. Era impresso em formato *in folio* 8.<sup>o</sup> grande, na Tipografia a vapor de José da Silva Mendonça (rua do Almada, 92 – 96, no Porto).<sup>1</sup> A redação e a administração tinham sede na rua de Santo António, 165, no Porto. Era vendido por assinatura (trimestral, semestre e anual) e avulso (30 réis). A última página é dedicada à publicidade.

Aqueles foram tempos excepcionais na vida da cidade invicta, por razão da **epidemia de peste bubónica** que começou a manifestar-se no **Verão** de 1899 e que levou à instauração de **um cordão sanitário, imposto militarmente**.<sup>2</sup>

Logo que a decisão foi tornada pública, milhares de pessoas abandonaram a cidade. Depois de concluído, o cerco **deixou o Porto economicamente paralisado**. As limitações impostas à circulação de mercadorias e de pessoas levaram ao encerramento de muitas fábricas e estabelecimentos comerciais, lançando no desemprego milhares de trabalhadores.

A **fome**, o **medo da doença** e a **incompreensão** das medidas médico-sanitárias acionadas desencadearam um **ambiente de revolta popular**, ao qual não ficaram alheios os que tinham a sua fortuna investida na industrial, no comércio e nos serviços, ou seja a média e alta burguesia.

Numa primeira fase, o governo de Lisboa, progressista, foi alvo das críticas de toda a intelectualidade do Porto, numa controvérsia protagonizada por todos os quadrantes político-partidários, organizações corporativas e cívicas, envolvendo também a imprensa, a Câmara Municipal e outras instituições. Mas com as **eleições legislativas no horizonte**, a **26 de Novembro**, o debate acabou por descambar numa grande baralhada. Todos os argumentos foram esgrimidos: das condições de insalubridade dos bairros populares à eficácia das medidas médico-sanitárias; da natureza da doença à brutalidade do cerco e suas consequências sociais e económicas; dos interesses comerciais de Lisboa às pressões internacionais, etc.

Do ponto de vista dos resultados eleitorais, **os republicanos** foram a força política que melhor capitalizou o descontentamento instalado, pois

---

<sup>1</sup> Também recorreu, em Abril de 1900, às máquinas da Tipografia Seculo XX (Rua das Flores, 183, no Porto). A partir de Maio de 1901, passou para a Tipografia Peninsular (Rua de S. Crispim, 24 e 26, no Porto). Na mesma altura, a administração e a redação passaram para a Travessa de Cedofeita, 8 – D, no Porto.

<sup>2</sup> Cf. Decreto de 23 de Agosto de 1899, in *Diário do Governo*, N.º 191, de 26 de Agosto.

**conseguiram eleger, com o apoio dos socialistas e dos progressistas, os três “deputados da peste” – Afonso Costa, Xavier Esteves e José Falcão.<sup>3</sup>**

Foi neste contexto de cataclisma que *O Campeão* fez a sua aparição. **Começou por sair aos domingos**, uma opção que sublinha a **vocação recreativa** que o título sugeria e que os tempos pediam...

À data do seu lançamento e até ao final de 1899, *O Campeão* teve como **diretores literários, Bento Izidro, Mário Ney e J. Costa Basto**, e como **editor Alberto Gomes Coelho.<sup>4</sup>** Como se pode verificar na coleção agora disponibilizada, deste elenco dirigente apenas o editor se mantinha em funções em Maio de 1901.<sup>5</sup>

Nessa data, a direção d' *O Campeão* era assegurada por **Olyntho Muaze<sup>6</sup>**; a redação estava a cargo de **Pedro Bandeira<sup>7</sup>**; e a administração competia a **Joaquim Ventura Junior.<sup>8</sup>** Todos eles tinham ligação com o **Real Velo Club**

---

<sup>3</sup> Por decisão do Tribunal de Verificação de Poderes, de 15 de Janeiro de 1900, as eleições no Porto foram consideradas nulas. A repetição do ato, a 18 de Fevereiro, acabou por confirmar a eleição anterior, e os três candidatos tomaram posse a 13 de Março.

<sup>4</sup> No primeiro número figura como editor Alberto Gomes Monteiro, mas a situação não se repetiu. Tratou-se provavelmente de uma troca de apelidos, um erro que escapou ao pressuposto “olho clínico” do revisor. Não se encontrou qualquer informação sobre estes personagens. Do que transpira na própria publicação, os 3 diretores seriam ainda jovens, a concluir estudos superiores.

<sup>5</sup> A coleção existente na Hemeroteca Municipal de Lisboa está muito incompleta (e, por consequência, a que é disponibilizada em linha, na Hemeroteca Digital), mas através da Biblioteca Nacional de Portugal foi possível o contacto com a coleção integral e, assim, recolher uma perspetiva tão completa quanto nos foi possível sobre a história deste semanário. No 1.º ano (1899), entre 5 de Novembro e 23 de Dezembro, publicaram-se 9 números; no 2.º ano (1900), entre 7 de Janeiro e 22 de Dezembro, saíram 41 números, havendo a reportar 11 edições falhadas (11 e 18 de Março; 1 e 8 de Abril; 5, 12 e 19 de Agosto; 30 de Setembro; 2, 9, 16 e 30 de Dezembro; a última edição saiu no sábado, 22); e no 3.º ano (1901), de 8 de Janeiro a 25 de Setembro, saíram 25 números, quinzenalmente nos dois primeiros meses e depois ao ritmo trimensal.

<sup>6</sup> Entre Fevereiro e Agosto de 1900 é referenciado, junto ao cabeçalho como «Director-Gerente», função que partilha com Joaquim Ventura Júnior; a partir de Setembro e até Maio de 1901, ambos passam a figurar como «Proprietários», embora *O Campeão* se mantenha como órgão do R.V.C.P.; daí em diante, Olyntho Muaze foi o «Director». Do que foi possível extrair da própria publicação, era membro de uma prestigiada família do Porto, que cultivava a prática do desporto. Tinha, pelo menos, mais dois irmãos, Achiles e Amadeo Muaze. Olyntho distinguiu-se como corredor e ginasta; consta que também se dedicou aos “sports cynegeticos”, sendo um excelente atirador; e um entusiasta do ciclismo. Neste quadro, foi membro de muitos clubes desportivos. A partir de 1898, integrou a direção do R.V.C.P.; em 1900, era chefe cônsul do *Porto Turing Club Italiano* e delegado do *Sport Club do Pará*. Para mais informação consultar os n.ºs 26 e 31 de 1900.

<sup>7</sup> Sobre esta figura a informação escasseia. Assumiu a redação d' *O Campeão* em 1901. Numa pequena notícia publicada no último número do ano anterior, é apresentado como membro do R.V.C.P., onde se fizera grande entusiasta e praticante do ciclismo. Também se dedicou ao teatro amador, como ator. Através de um anúncio publicado no jornal (n.º 27 de 1900 e seguintes) sabemos que era despachante oficial da Alfandega, no Porto.

<sup>8</sup> Seria Joaquim Ventura da Silva Pinto Júnior, mas não encontramos mais informação. Na sua relação com o jornal, fez parilha com Olyntho Muaze. Entre Fevereiro e Agosto de 1900 foi «Director-Gerente»; a partir de Setembro e até Maio de 1901, tornou-se «Proprietário»; daí em diante, passou a ser o «Administrador».

do Porto (R.V.C.P.), do qual **O Campeão** se tornou órgão de informação ainda antes de soltar o primeiro grito.

De facto, a direção do Clube terá tomado essa decisão **a 2 de Novembro de 1899**, 3 dias antes da saída do primeiro número e, mais importante, antecipando por 3 semanas as eleições legislativas – portanto, **saiu do prelo em plena campanha eleitoral**. Não estamos em condições de refazer a história desse apadrinhamento de última hora, mas a primeira «Chronica» d' *O Campeão* refere-se vagamente ao assunto, ao mesmo tempo que explana o programa editorial que pretendia desenvolver. Começamos por fixar nele a nossa atenção.

## ANTECEDENTES, PROGRAMA E SUA EVOLUÇÃO

Bento Izidro, um dos jovens diretores literários, e autor da dita «Chronica», começou por estabelecer uma **relação de continuidade** entre *O Campeão* e uma outra publicação do Porto, **A Maripoza: semanario litterario e de sport**,<sup>9</sup> onde ele próprio e Mário Ney haviam sido redatores e Alberto Gomes Coelho o editor. A publicação teve uma existência fugaz, que ficou saldada em 13 “voos”, concretizados entre 6 de Agosto e 29 de Outubro de 1899:

*«Alou-se a nossa pequenina e querida «Maripoza», n'um voo rápido e subtil, para o paiz dos sonhos desfeitos, para a região das esperanças mortas. Mas «O Campeão» que lhe sucede, e que lhe herda todas as chimericas ambições, ahi vae, garboso e gentil, como desejado amante, visitar, timida e encantadamente, o discreto ninho azul e rendas, magestoso de chrysanthemos e perturbado de violetas, das mulheres lindas, a [sic] mais lindas mulheres do mundo.»<sup>10</sup>*

A relação filial dos dois periódicos encontra-se também espelhada na contagem dos números, que, no primeiro ano (1899), se apresentam na forma «N.º 1-14; 2-15, 3-16...».

Daquela evocação carpida também se depreende que *A Maripoza* tivera no público feminino a sua plateia preferencial, e *O Campeão*, que se dizia seu herdeiro, não renegava esse auditório. E para selar essa opção **ilustrou a sua primeiríssima página com a fotografia de «Hercilia Muaze», uma “dama ciclista” portuense**. Mario Nery exalta-a como símbolo de um ser ideal, expressão da síntese plena e harmoniosa entre a vitalidade e a beleza, o físico e o espiritual:

*«No escritorio das suas telas, Botticelli, recolhel-a-hia.  
Conglobal-a-hia Fra-Angelico na pleiade das creações edeaes.  
Afigura-se-nos débil como os lyrios.  
E tem a resistênciã d'uma pequenina Huret. (...)  
Forte d'organismo, é valorosa d'animo.*

<sup>9</sup> O periódico não faz parte do espólio da Hemeroteca Municipal de Lisboa.

<sup>10</sup> Cf. N.º 1, de 5 de Novembro de 1899, p. 1.

*Transpondo o piegas convencionalismo devotou ao sport a gentil Hercília.»<sup>11</sup>*

O exagero que veste a descrição do feito audacioso da «gentil Hercília», por influência do **ultrarromantismo**, parece cristalizar uma sugestão irónica na exposição do programa literário: «*Tão candido como a noiva que, aos pés do altar da virgem, se leva em fervorosa prece, crente da sua immaculada virtude, assim «O Campeão», tão puro quanto inocente, levará – ó gentis e pallidas mulheres! – a resignação calma á melancholia que envolve a alma de tristeza, neste louco desfilhar para o coração do inverno.»*; «*será um troveiro provençal, que, sob o romantico balcão, faça gemer a sua guitarra querida, soluçando as desditas que lhe vão na alma, dirigindo canções magoadas, arremessando madrigaes tão quentes como beijos e tão crystalinos como as lagrimas que vós lhe havíeis de fazer chorar de alegria – ó mulheres lindas!»*; «*confidenciar-vos-há (...) com a mesma linguagem simples com que as nossas avozinhas nos contavam em pequenos, á quentura da lareira, por longos serões, as novellas e contos dos nossos amores, com todo o sentimentalismo das nossas almas moças.»<sup>12</sup>*

Analisados pelo prisma da catástrofe médica e social e das eleições que se avizinhavam, daquele sofrimento e, sobretudo, daquela imagem da mulher desportista derivam significados subtis que importa deixar em relevo. Desde logo, a de um ser que das fraquezas retira forças para se afirmar face à autoridade, emanasse ela da família ou do convencionalismo. A **analogia entre a situação da cidade face ao poder central e da mulher perante os preconceitos sociais** parece evidente, e dela decorre uma legitimação do **direito de enfrentar o estabelecido**, portanto, o poder, **em nome dos valores superiores da liberdade, da igualdade**, emanados da revolução francesa.

A dama ciclista funcionava também como **modelo ou exemplo de uma conduta sã**, que se pretendia ver difundida como **resposta ao problema da decadência da nação**. Nesse sentido, e em deferência à direção do Real Velo Clube do Porto, «florescentíssima agremiação da mocidade fina e distincta», que fizera d' *O Campeão* o «*seu órgão*», abria-se uma «*secção sportiva que despertará o bom gosto por esse ramo de sport, mesmo em vós – ó mulheres gentis – como o despertou em D. Hercília Muaze, hoje retratada n'este jornal, e outras muitas senhoras portuenses, que, bem melhor do que eu, podem contar-vos dos seus princípios salutarees n'esta existência em que tantos rachíticos enxameiam e onde a tysica devora tantas vidas sonhadoras.*»

Embora não tenha o monopólio das páginas, aquele protagonismo feminino conheceu outras, muitas, réplicas durante os primeiros meses de vida d' *O Campeão*, quer através de **retratos biográficos de jovens artistas** (Leonilda M. Moreira de Sá, Laura Artayett Barbosa, Rosinda Salgado, Amélia Paiva, Laura Nobre, Ilda Palhares, etc.) quer através de **composições literárias** (prosa e poesia). Os primeiros limitavam-se a elogiar a obra e o virtuosismo de algumas filhas de boas famílias, emprestando um toque elitista ao jornal. Mas os cantos poéticos, as novelas, os contos e outras ficções enformavam **preocupações sociais e humanas, valores e memórias identificados com**

---

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Idem.

**o ideário republicano, socialista e com outros movimentos** conotados com a “esquerda” (feminista, pacifista, etc.). Acrescentavam, de um **modo simulado**, uma **missão doutrinária ao periódico**.

Como testemunhos dessa arte da ocultação, salienta-se o conto da «Moira do Salado», que preferiu morrer livre a viver escrava, e que tem como epílogo «O zelo pela Fé dos cavalleiros christãos era incompatível com a piedade»; ou aquele outro que trata dos amores do negro Accacio pela branca Paulina, uma paixão tão ardente que se sobrepôs ao «Estigma de Raça»; a história do amor entre duas mulheres, projetada «No Século XXI»; ou as memórias niveladoras da «Condenssinha» que, «no seu *boudoir* azul e oiro, em uma *chaise-longue* recostada», se deleitava a visitar «todos os galanteios, todas as phrases apaixonadas, todos os ditos com que a haviam saudado desde o creado até ao imperturbável duque.»<sup>13</sup>

A **catástrofe médico-sanitária vivida na Cidade não era abordada de forma explícita**, direta. Mas os títulos que bordejavam as páginas evocam constantemente a dimensão das desgraças humanas e sociais que desencadeou: «*Magoas*», «*Desespero*», «*Miserias*», «*Horas d’agonia*» ...

A única morte pelo vírus de Yersin que foi noticiada, a do médico Câmara Pestana<sup>14</sup>, denota uma contenção ostensiva, referindo apenas que o sábio foi «ferido de morte no grande e alevantado combate da sciencia em prol da humanidade».<sup>15</sup> E «*A Peste*» que apareceu anunciada na secção «Artes e Letras» do segundo número lança um comentário elogioso, mas contido, a um folheto da autoria de Joaquim Leitão.

Esta **política editorial inibida**, espécie de pudor em assumir o nome da desgraça que assolava na cidade, encontra explicação na **confusão que se estabeleceu entre as medidas médico-sanitárias decretadas, os interesses económicos afetados e o jogo político que decorria das eleições**. Como não cabe no horizonte desta ficha aprofundar essa teia de motivações emaranhadas, mas com o fito de deixar um testemunho da dimensão da embrulhada, reproduz-se um trecho do “**decreto da mordação**” que o governo promulgou, a 4 de Outubro: «As publicações periódicas ou jornaes, que na cidade do Porto tentarem incutir no espirito do publico a convicção de que não é peste bubonica a epidemia ali existente, ou de que os casos caracterizados ou suspeitos d’esta enfermidade são provenientes de qualquer outra causa mórbida, e bem assim as que para o mesmo efeito e por semelhante motivo censurem as providencias de defeza sanitária contra a dita moléstia, ou a pretexto d’ellas injuriarem por qualquer modo as auctoridade publicas ou os seus agentes, encarregados da respectiva execução, serão suspensas pelo tempo que parecer conveniente, e, no caso de reincidência suprimidos por ordem do governador civil (...)».<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> Cf. N.º 2-15, de 12 de Novembro, p. 2.

<sup>14</sup> Era Diretor do Instituto de Bacteriologia de Lisboa e integrou a comissão internacional que ficou encarregada de monitorizar a eficácia das terapias farmacológicas (soros e vacinas) que foram testadas como resposta à epidemia. Morreu a 15 de Novembro, em Lisboa.

<sup>15</sup> Cf. a «*Chronica*», do N.º 3-16, de 19 de Novembro, de 1899, p. 1.

<sup>16</sup> Cf. *Diário do Governo*, N.º 280, de 11 de Outubro de 1899.

A partir de Janeiro de 1900, coincidindo com aliviar do cerco sanitário, *O Campeão* entrou num **processo de mudança**, no termo do qual adquirira um **perfil quase exclusivamente desportivo**. É sem grandes reservas que se afirma que essa **transformações foram determinadas pelo Real Velo Clube do Porto**, pois quer o seu rumo, quer a assunção da direção do jornal por elementos ligados ao clube assim o indiciam. Assim como parece seguro que **a passagem da pasta não foi completamente pacífica**, ainda que a ideia tenha por fundamento meros sinais ou sombras, pequenas peças, a que só uma leitura concertada e contextualizada empresta sentido. Importa não perder de vista que o ato eleitoral não estava ainda concluído.<sup>17</sup>

Logo em Janeiro, no terceiro número, faz-se notar **uma baixa entre os «diretores literários»**, situação que merece uma justificação seca, mas que põe acento no bom ambiente: «Deixou de fazer parte, amigavelmente, da direção literária d' *O Campeão* o snr. Bento Izidro.»<sup>18</sup>

Março, o mês em que os “deputados da peste” republicanos tomaram posse, ficou assinado com duas edições falhadas (domingos, 11 e 19) e uma mudança na organização (domingo, 25): os **diretores literários assumiram o estatuto de «Redactores»** - Bento Izidro (reaparecido!), A. Alberto Martins e Gonçalves Dias – e ficam **sob a tutela de dois «Directores-Gerentes»** - Joaquim Ventura Junior e Olyntho Muaze.<sup>19</sup>

Na «Chronica» desse número, com a assinatura de Bento Izidro, justifica-se a interrupção d' *O Campeão* numa linguagem cifrada: «(...) *porque os contratemplos d'uns arrufos eriçaram de obstáculos e de contrariedades a sua vida por esses dias em que pairaram sobre nós nevoentos dissabores a escurecer as nossas fantasias da côr da aurora*». Mas deixa a garantia de que os «dissabores» estavam ultrapassados, e um reparo à «*geração de peralvilhos que aos seus vinte annos nos deixam boquiabertos ao discutir coisas de direito pátrio e ao regatear liberdades políticas demolindo a tradição do belo que eles são incapazes de substituir.*»<sup>20</sup> Em tom mais lacónico, os dois «Directores-Gerentes», também prestaram contas aos assinantes, dando o seu voto de confiança à nova equipa de redatores e deixando a promessa de um número especial por ocasião da Pascoa, que não se concretizou.

Nas duas primeiras semanas de Abril, houve a registar mais duas edições falhadas (domingos, 1 e 8) e **a entrada de Guy Cadaval para a equipa de redatores** (domingo, 29), que em Maio foi **substituído por Amadeu Camara** (domingo, 27). *O Campeão* conheceu então um curto período de estabilidade, concretizando uma **edição especial, ilustrada** (fotos), em Julho (domingo, 29), **dedicada a «Portugal e Brazil»**, na qual participam dezenas de colaboradores das duas nacionalidades.<sup>21</sup>

---

<sup>17</sup> Ver nota 2.

<sup>18</sup> Cf. N.º 3, de 21 de Janeiro de 1900, p. 2.

<sup>19</sup> Cf. Cabeçalho do N.º 10, de 25/03/1900.

<sup>20</sup> Cf. Idem, p. 1-2.

<sup>21</sup> Portugueses: Carlos Malheiro Dias, João Penha, Manuel de Moura, Ana de Castro Osório, Joaquim Leitão, B. V. Moreira de Sá, Bento de Lencastre, Amadeu Cunha, Augusto de Castro,

Nas três primeiras semanas de Agosto (domingos 5, 12 e 19), por qualquer razão que não descortinámos, *O Campeão* não saiu. Quando reapareceu (domingo, 27), o nome dos redatores já não constava junto ao cabeçalho.

Em Setembro, **por ocasião do 7.º aniversário do Real Velo Clube do Porto (1893-1900), saiu mais um número especial** (domingo, 23)<sup>22</sup>; por essa altura, os «Directores-Gerentes», Joaquim Ventura Junior e Olyntho Muaze, já eram referenciados como «Proprietários» (domingo, 2), embora o jornal mantenha o estatuto de órgão do clube desportivo.

**No final do ano**, e na sequência do progressivo enfoque no desporto, os assinantes e leitores foram confrontados com um **novo programa editorial**. Este, punha a tónica nos benefícios individuais (físicos e morais) e sociais associados à prática desportiva: *«De há muito que está mais que provado que a educação physica é um grande bem. Mais ainda; é o apuramento da raça para cuja degeneração caminhos a passos agigantados. Defender, vulgarizar e desenvolver essa educação physica, é levar a cura a muito sofrimento, a força ao fraco, a coragem ao cobarde, a actividade ao oceôso, o trabalho ao inapto; é finalmente contribuir para o bem da humanidade, tornando o homem útil à sociedade e ao mesmo tempo útil á sua pátria.»*<sup>23</sup> Assim, propunham-se divulgar e tratar criticamente todos os desportos, dando voz ao conhecimento e à experiência, por intermédio de «escriptores competentes e habilitados, alguns dos quaes já muito conhecidos».<sup>24</sup> Também foi esclarecido que o jornal **passaria a sair quinzenalmente**. Temendo que a nova linha programática não fosse bem acolhida por todos(as), prometeram não frustrar expectativas: *«Não. A literatura continuará a ter o nosso bom acolhimento, e terá a sua secção especial. O que muda, unicamente, é a orientação, o character e a feição do nosso jornal. Elle era unicamente litterario, dedicando-se pouco ao «sport»; será agora um jornal «sportivo», dedicando-se também à literatura.»*<sup>25</sup>

No terceiro ano da sua existência (1901), *O Campeão* assumiu o **perfil de uma enciclopédia desportiva**, publicada **em fascículos**. A própria numeração das páginas passou a ser contínua ou sequencial, numa clara sugestão à encadernação. A redação ficou entregue a Pedro Bandeira e o número de colaboradores reduziu-se.<sup>26</sup>

---

Rodrigo Solano, D. João de Castro, A. Alberto Martins, Campos Monteiro, Joaquim Leitão; Brasileiros: Coelho Netto, Eduardo Solomonde, Valentim de Magalhães, Raymundo Correia, Ibrantina Cardona, B. Lopes, Amadeu Amaral, Wenceslau de Queiroz, Olavo Bilac e Oliveira Gomes. As fotografias oferecem retratos de Joaquim Leitão, Coelho Netto, Arthur Azevedo, Leopoldo Miguez, Eduardo Pinto da Cruz, Olyntho Muaze e José Alexandre Soares.

<sup>22</sup> Publicou retratos de vários elementos da direcção do R.V.C.P.: Guilherme Puls, comendador Eduardo da Motta Ribeiro Junior, Adolpho Vieira da Cruz, tenente Fernando Evangelino Gomes Guimarães, Herbert Dagge, Edgar Katzenstein e Olyntho Muaze.

<sup>23</sup> Cf. «Duas Palavras aos nossos leitores», in *O Campeão*, N.º 40, de 09/12/1900, p. 2.

<sup>24</sup> Idem.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> *O Campeão* beneficiou da colaboração de um amplo leque de autores. Muitos são desconhecidos e outros parecem ocultar a sua identidade com recurso a pseudónimos. Assim, nas paginas do jornal encontram-se assinaturas de: J. Alvão, Pedro Alvaro, Castro Alves, Cruz Andrade, Mario Pinto d'Azevedo, João de Barros, J. Costa Basto, Júlio Brandão, Raúl

O tempo veio demonstrar que eram fundamentados os receios sobre a fraca recetividade do público às alterações programáticas introduzidas. As manifestações de descontentamento ter-se-ão feito sentir imediatamente, pois em Fevereiro (segunda-feira, 25) já o jornal a elas se referia, ao mesmo tempo que anunciava as medidas que seriam adotadas como resposta concertante: *«a redação do Campeão na intenção de ser agradável a todos, e não se poupando a sacrifícios de espécie alguma, vae fazer sahir mensalmente um numero especial d’este jornal, exclusivamente litterario, colaborado por os nossos melhores escriptores, e enserindo os retratos dos nossos primeiros artistas, literatos e poetas, a que se chamará **Suplemento litterario do Campeão.**»*

Assim, a partir de Março o **ritmo de publicação passou a trimensal**, tomando por referência 3 dias do calendário múltiplos de cinco (5, 15, 25). Dois números tratavam de “sports” e um de literatura.

Mas *O Campeão acabou por extinguir-se a 25 de Setembro*, vítima de um conceito de periódico que já não satisfazia as necessidades do público. **O ritmo de edição não lhe permitia estar sintonizado com a atualidade.** O formato pequeno e número reduzido de páginas (8) não eram adequados ao conteúdo (ora desportivo, ora literário), pois não permitiam desenvolver e/ou aprofundar as matérias, a não ser à custa de uma segmentação excessiva, que desencorajava a leitura. E no mercado da imprensa, cada vez mais concorrencial, as alternativas não escasseavam.

Rita Correia

Lisboa, HML, 30 de Dezembro de 2013

---

Brandão, José Branquinho, Guy de Cadaval, Carlos Calixto, Alberto de Carvalho, Maria Amália Vaz de Carvalho, Ribeiro de Carvalho, Augusto Castro, D. João de Castro, M. e Castro, Luís Cebola, Trindade Coelho, José Cunha, Júlio Dantas, Gonçalves Dias, Artur Doria, Abel Duarte, Aurelio Ferreira, Adriano Fontes, Delfim Guimarães, Heln, Joamel, Joaquim Leitão, Júlio de Lemos, Moreira Lopes, Marly, A. Alberto Martins, Cattule Mendés, A. Menezes, Campos Monteiro, Gil Moreno, Morey, António Nobre, J. Corrêa d’Oliveira; Manuel d’Oliveira, Jorge Olney, Teixeira de Pascoaes, Chico Pedal, Luiz Maria Pereira, B. Pereira, José Pinto, Amadeo Pires, Eça de Queirós, J. Regalla, Julio Ruivo, J.A.R., Ruy Sereno, Julio Ribeiro da Silva, Victor da Silva, Rodrigo Solano, Guedes Teixeira, T.M., José Lopes Vieira.



## FONTES E BIBLIOGRAFIA

*O Campeão. Semanário de Litteratura, Critica e de Sport*, 1899-1901. Porto: Alberto Gomes Monteiro [sic]. – Coleção da Biblioteca Nacional de Lisboa, com a cota: J. 974\Misc. 1M

Legislação régia – Portal da Assembleia da República: <http://legislacaoregia.parlamento.pt/Pesquisa/Default.aspx?ts=1> [Consultado em: 23/12/2013]

*História de Portugal. Dos tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias.*, dir. de João Medina. Lisboa: Ediclube – Edição e Promoção do Livro, Lda., 1993. ISBN 972-719-058-8.

PINHEIRO, Francisco – *História da Imprensa Desportiva em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento, 2011, ISBN 987-972-36-1140-3.

PIRES, Daniel – *Dicionário da Imprensa Periódica Literária Portuguesa do Século XX (1900-1940)*. Edição patrocinada pelo Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. Lisboa: Grifo – Editores e Livreiros, Lda., 1996. ISBN 972-8178-08-5.

PONTES, David – *O cerco da peste no Porto. Cidade, imprensa e saúde pública na crise sanitária de 1899*. Tese de Mestrado na área científica de Humanidades/História e Arqueologia. Porto: Faculdade de Letras, da Universidade do Porto, 2012. Em Linha: [http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs\\_pesquisa.FormView?p\\_id=36180](http://sigarra.up.pt/flup/pt/publs_pesquisa.FormView?p_id=36180) [Consultada em: 22/12/2013.]

SANTOS, Alfredo Ribeiro - *História Literária do Porto através das suas publicações periódicas*. Porto: Edições Afrontamento, 2009, ISBN 978-972-36-1038-3

TENGARRINHA, José – *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2.<sup>a</sup> Edição Revista e Aumentada. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1989, ISBN 972-21-0396-2